

# Depois dos furacões

EVARISTO MARZABAL NEVES\*

**M**al terminada a contabilidade dos estragos provenientes das passagens avassaladoras dos furacões, surge outro poderoso, o Wilma, que só perde em devastação para o Andrew, em 1992. Tudo para diminuir ainda mais a expectativa de recuperação de uma safra já penalizada e reduzida na temporada passada.

Na região caribenha e no Golfo do México, o Wilma foi o 12º furacão a se formar em 2005, e o 13º, a tempestade tropical Alfa, se dissipou rapidamente, mas atingiu o Haiti, provocando mortes. Importante: há mais de 150 anos não se registrava a ocorrência de mais de 12 furacões numa só temporada.

E os reflexos estão aí. Desde 1998, os preços do suco concentrado não atingiam na Bolsa de Nova York tão altos patamares. No balanço de outubro, o suco liderou ganhos no exterior, com a maior valorização entre as principais *commodities* agrícolas transacionadas pelo Brasil no exterior. A variação alcançou 12,95% em outubro sobre setembro e, no ano, elevação de 29,65%.

A projeção no início de outubro era de uma colheita próxima a 190 milhões de caixas. Isso já comprometia a esperada recuperação da colheita, depois da frustrada safra 2004/05, de apenas 149,6 milhões de caixas. Agora, a Flórida Citrus Mutual anuncia perdas de US\$180 milhões na citricultura, com redução de 17% na

produção de citros, ao redor de 170 milhões de caixas.

As perdas e os danos técnico-econômicos provocados pelas tempestades tropicais não ficam apenas no arranque, danificação e encharcamento e inundações de pomares. Os fortes ventos e as tempestades ajudam a disseminação de doenças, como a detecção de *greening*, a partir dos pomares domésticos de Miami.

A passagem dos furacões apresenta reflexos indiretos para o Brasil, uma vez que ao redor de 70% da sua produção vai para a União Européia. Certamente, favorecerá o cres-

cimento das receitas com as exportações, como ocorreu na safra passada: venda de 1,411 milhão de toneladas e receita de US\$1,4 bilhão, segundo a Abecitrus.

A receita cambial não é melhor, devido à valorização do real que gera menor rentabilidade das exportações e causa reduções nos balanços financeiros de empresas exportadoras com preços atrelados às cotações internacionais, como o dólar.

A natureza não tem ajudado a citricultura norte-americana. Nos anos 70 e 80, inúmeras geadas provocaram queda na produção da Flórida. Com isso, a citricultura brasileira galgou o topo mundial, tanto em termos de produção de frutas como de suco, e na posição hegemônica das exportações de suco con-

centrado. Foi, porém, um período de pouco entendimento entre citricultor e indústria processadora. O estágio de calma só ocorria quando os preços internacionais do suco estavam em alta e rebatiam com bons preços internos.

Atualmente, as geadas são comuns na parte norte do Estado da Flórida. Se os pomares migraram para as regiões central e sul, ficaram mais vulneráveis às tempestades tropicais.

No Brasil, em especial, os agravantes fitossanitários, mais relevantes do que as condições climáticas, devem ser abordados de forma mais contundente e responsável, num esforço de parceria

público-privada. O *greening* está presente na citricultura brasileira, num momento em que o Brasil deve aumentar sua hegemonia nas exportações mundiais de suco.

Na moderna teoria da negociação, prevalece a agenda do "ganha-ganha". Parceria e alianças estratégicas são vitais hoje em dia. Tempo é relacionamento e a busca do consenso, não apenas dinheiro. A cadeia agroalimentar pressupõe que "nenhuma corrente é mais forte de que seu elo mais fraco".

O momento é propício para que produtores e indústrias se unam e compartilhem um planejamento estratégico para os próximos anos. Os furacões propiciaram vantagens comparativas e competitivas jamais auferidas para se estabelecer parcerias, operar com economias de escala e uma programação racional de investimentos no sentido de melhor partilhar benefícios e ganhos da hegemonia alcançada. O nosso maior competidor contabiliza perdas econômicas consideráveis e se defronta com um cenário de recuperação lenta, comprometida, no futuro, não mais pelas geadas, mas pelas repetidas e anunciadas tempestades tropicais. É hora de evocar J. Dickinson e submeter os agentes econômicos do setor à seguinte reflexão: "Unidos, ficaremos de pé; dividindo-nos, cairemos". ■

\* Professor titular da ESALQ/USP. E-mail: emneves@esalq.usp.br

## Greening ou huanglong-bing (HCB)

- É causado por uma bactéria *Candidatus liberibacter* e transmitido por um inseto vetor, o psilídeo *Diaphorina citri*;
- Considerada a doença mais devastadora do mundo;
- No Brasil: detectada em 89 municípios no Estado de São Paulo e 2 em Minas Gerais.

## Furacões na Flórida (2004)

**Charley** - 13 de agosto  
**Frances** - 05 de setembro  
**Ivan** - 16 de setembro  
**Jeanne** - 25 de setembro

